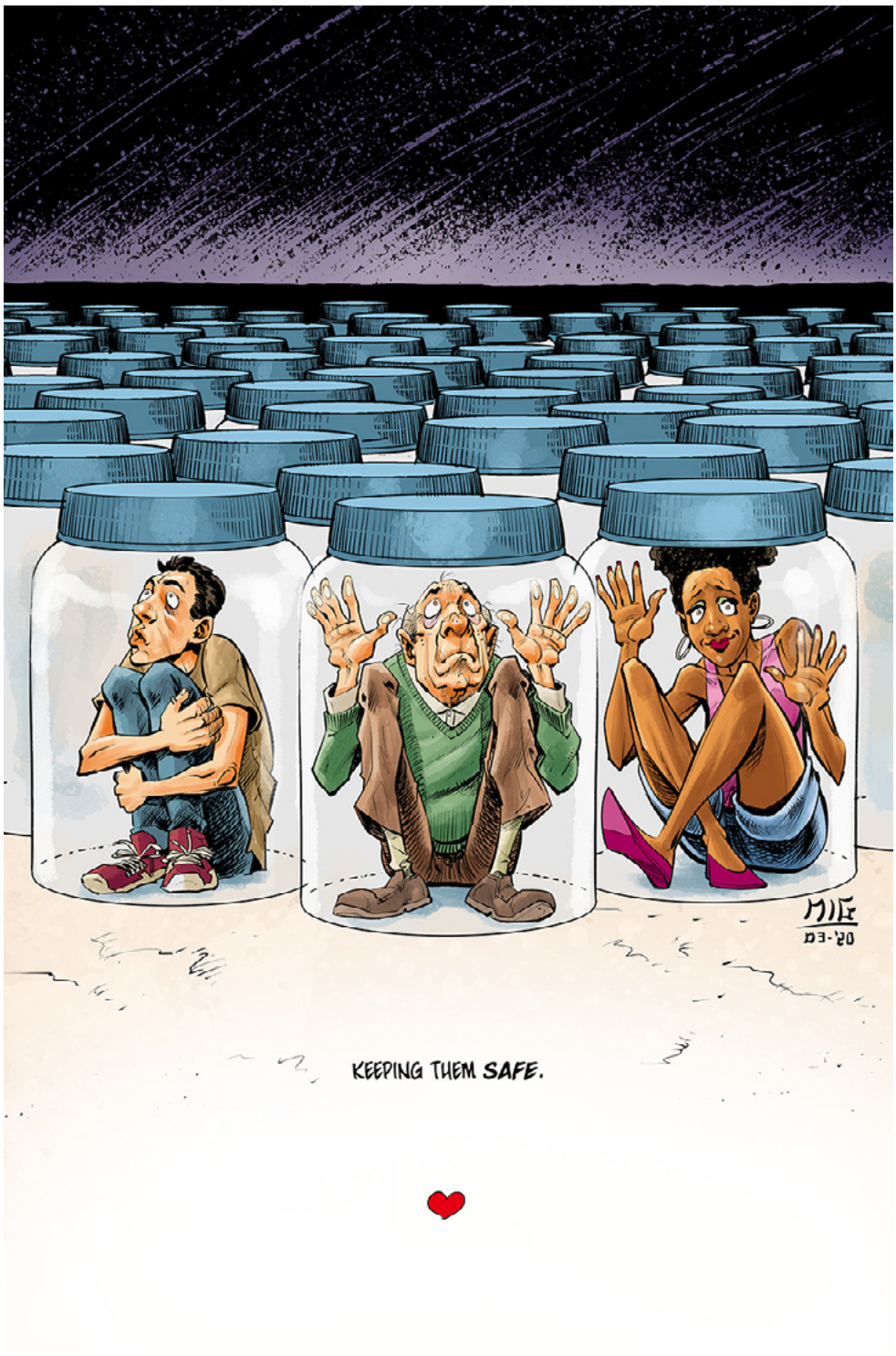
DESARMADA

ano 1. vol8.abril 2020



Por Miguel Montenegro



Editorial

Por Nuno Nabais

Como aconteceu com milhões de outras vidas, individuais e colectivas, a vida da Fábrica do Braço de Prata foi profundamente abalada com a epidemia da Covid. Por isso, no dia 12 de Março publicámos um comunicado nas nossas plataformas digitais anunciando o encerramento de todas as nossas actividades. Aí dizíamos "Sabemos que todas as medidas sanitárias impostas pela epidemia do Coronavírus respondem a uma agenda política securitária. Estamos sob um "estado de excepção". Em nome da protecção dos cidadãos, suspendem-se todos os seus direitos políticos. O caso da China é o mais revelador." Depois, referíamos a catástrofe que se abatia sobre as várias dimensões das nossas actividades: "com esta decisão estamos a adiar, e em alguns casos simplesmente a anular, mais de 60 concertos, uma dezena de laboratórios de performance, vários lançamentos de livros, para não falar em quase uma centena de aulas da nossa escola de música". Sublinhávamos também o facto de estarmos igualmente a comprometer o modo de vida dos nossos 26 colaboradores permanentes. Com efeito, todos eles foram convidados a respeitar o confinamento completo em casa. Terminávamos com um apelo. "Façamos então todos quarentena, mas uma quarentena de combate. Contra aqueles que nos querem convencer que vivemos tempos onde a política se tornou uma governação biológica, é urgente mostrar como a vida que importa salvar é a vida das experiências de criação e de festa, a vida dos encontros, a vida que procura sempre novas formas de vida".

As reacções a este nosso comunicado foram surpreendentes. Logo no dia 13, os jornais Observador e Sol publicavam partes do texto. E chamavam a atenção dos leitores para o que eles consideravam ser desrespeito da Fábrica do Braço de Prata pelas medidas sanitárias do Governo. Nesse mesmo dia à noite, no programa da SIC Notícias "Governo Sombra", Pedro Mexia foi convidado a comentar o nosso comunicado. Lamentou que, em momentos de crise grave como o que vivíamos, houvesse quem ainda se dedicasse a citar Foucault. O nosso uso do conceito de "estado de excepção" pareceu-lhe excessivo. Estaríamos, segundo ele, a confundir o "estado de emergência", que o Governo então já anunciava, com as medidas anti-terroristas adoptadas pelos EUA depois do 11 de Setembro de 2001. E, no dia seguinte, 14 de Março, no Jornal Público, Francisco Assis, ex-eurodeputado pelo PS, subia de tom. Depois de citar o nosso comunicado e a nossa denúncia da "agenda política securitária", ia muito mais longe do que Pedro Mexia. Não condenava o uso de categorias retiradas do pensamento de Foucault. Acusava-nos, sim, de falta de rigor no seu uso. Considerava o nosso comunicado como expressão de "leituras aligeiradas de Foucault e Agamben". Para concluir "um certo pensamento médio, ao tornar-se pretensioso, pode ultrapassar todos os limites do patético" (sic). O ex-eurodeputado do PS, que em todos os seus perfis públicos gosta de se apresentar como licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, vinha corrigir as nossas leituras de Foucault e Agambem. Infelizmente, não explicou o que seriam as leituras profundas destes autores. Limitou-se, do alto da sua presunção de mestre-escola, a defender o primado da vida (como saúde pública) sobre todas as outras dimensões da existência (económica, política, social).





Percebemos que o nosso comunicado de 12 de Março sobre diferentes modos de responder à crise da Covid 19 deslocava o debate para o domínio dos exercícios de hermenêutica de Foucault e Agamben.
Fomos assim forçados a publicar um segundo comunicado. No dia 15, depois de recordar que respeitávamos escrupulosamente todas as regras de confinamento propostas pelo Governo, escrevíamos na nossa página: "o cumprimento zeloso de todas as medidas de protecção contra o vírus, assim como o reconhecimento do esforço heróico de milhares de técnicos de saúde, não nos torna cegos quanto ao que designámos como "agenda política securitária".

Tivemos então que entrar na explicação das teses de Foucault e Agamben, mostrando que a existência de uma "agenda securitária" não resulta de nenhum plano maléfico dos governos.
Como dissemos "A suspensão global de alguns direitos fundamentais de todos os cidadãos - como o de livre circulação, o de acesso às escolas, o usufruto de actividades artísticas e desportivas - representa apenas o estádio último de um modelo de governação que se iniciou na Europa no sec. XIX. A sua principal característica é estar fundado quase exclusivamente em argumentos biológicos. A política deixou de ser a permanente busca de consensos entre interesses antagónicos no interior de comunidades orientadas por um bem comum. 'O objecto da política já não é o cidadão mas a população, já não é uma realidade social mas uma realidade biológica. A política passa a ser uma "biopolítica", conceito sugerido pelo filósofo francês Michel Foucault no final da década de 70 do sec.XX, e retomado hoje principalmente pelo filósofo italiano Roberto Esposito. Ora, no regime "biopolítico", quando as decisões que afectam milhões de pessoas são tomadas por critérios biológicos de preservação da população, a agenda passa a ser securitária. Isto significa que a preocupação maior dos governos é a da segurança - que vai desde a recusa em acolher refugiados ou simplesmente estrangeiros, até à adopção de medidas radicais de saúde pública."
A reacção a este segundo comunicado foi ainda mais surpreendente. No Facebook os furiosos do costume continuaram a acusar-nos de quebrar a unidade nacional quanto à necessidade de respeitar - sem reservas - o estado de emergência. Mas, em paralelo, e por email, começámos a receber mensagens de solidariedade. E muitas dessas mensagens vinham acompanhadas de cópias de artigos de opinião. Eram matérias muito sofisticadas sobre a pandemia. Publicadas em jornais espanhóis, italianos, franceses, ingleses, americanos, todas elas procuravam discutir as falsas evidências das medidas sanitárias adoptadas.

Quase sempre esses artigos se inscreviam na tradição teórica de Foucault ou de Agamben - muitas vezes para discutirem a sua relevância. Tornou-se claro o grande contraste entre a imprensa portuguesa e os meios de comunicação social dos países mais afectados pela Covid 19. Em Portugal, instalava-se um consenso de opinião, não apenas a favor do confinamento indiscriminado, mas também em torno das vantagens "espirituais"

da experiência da solidão involuntária ou em torno da superioridade dos bons princípios humanistas da bioética mesmo quando aplicados a triagens eugénicas em Hospitais com escassez de recursos materiais ou humanos. Lá fora, pelo contrário, a catástrofe obrigava filósofos, sociólogos, economistas, a fazer explodir todos os manuais de teoria política e da ética. Das grandes questões da crise climática ao debate sobre o papel do Estado Providência, das desigualdades sociais agravadas com o confinamento social ao perigo da falência completa da economia, das diferentes dimensões da Vida (realidade biológica ou realidade ética e política) às diferentes estratégias para a preservar (confinamento, imunidade de grupo ou despiste e isolamento selectivo) tudo foi colocado no palco das urgências teóricas. Por quê, então, tanta indignação em Portugal para com quem se atrevesse a citar Foucault ou Agamben para pensar a crise da pandemia?

Surgiu progressivamente um projecto novo. As reacções aos nossos dois comunicados tinham deixado a nu uma certa pobreza dos hábitos de pensamento no nosso país. Não teria então a Fábrica do Braço de Prata a obrigação de contrariar esse estado de coisas? Não haveria um novo imperativo cultural colocado a essa mesma Fábrica que tinha criado um tão grande sobressalto de opinião com a sua denúncia da "agenda securitária" e com o seu apelo a preservar não apenas a vida biológica, mas também a vida como escolha de uma certa forma de vida?

Se tínhamos sido os primeiros a perturbar as regras de legítima defesa diante do vírus e a incomodar os reflexos condicionados colectivos provocados pelo pânico, não se esperaria de nós uma contrapartida, nem que fosse apenas no plano das ideias? Se, ao justificar, com argumentos políticos, o encerramento de todas as nossas actividades tínhamos provocado tantas objecções (no Facebook, nos jornais, na televisão), agora que estávamos mesmo encerrados, não seria necessário regressar ao plano dos argumentos? Habituados a trabalhar sempre em paralelo as dimensões práticas e as dimensões especulativas da intervenção política (somos uma livraria, sala de concertos, galeria de arte, escola de música, que não recebe qualquer subsídio), só nos restava continuarmos com conceitos o nosso combate por uma certa ideia de comunidade política, artística e económica. Por outro lado, durante a quarentena forçada em que todos estávamos mergulhados, que outra coisa fazer para além de ler e de dar a ler? Estávamos impedidos de continuar a organizar encontros regulares entre músicos e público nas nossas salas de concerto. Já não nos era permitido juntar mais do que duas pessoas nas nossas exposições. Tínhamos fechado a nossa livraria. As nossas aulas de música estavam suspensas. O nosso restaurante e os nossos bares já não podiam servir bacalhau nem saladas a baixo preço. A nossa tenda gigante tinha sido esvaziada das centenas de milhar de livros da nossa parceira livraria Ulmeiro. Não teríamos que compensar, por uma tal catástrofe, não apenas músicos, artistas plásticos, como autores, leitores, apreciadores de música ao vivo, ou simplesmente amigos regulares da Fábrica? Não teríamos então o dever de uma indemnização, a ser paga por nós, não em géneros, mas em conceitos?



Foi então que começámos a receber textos sobre a crise da Covid 19 escritos por alguns amigos com pedidos de que fossem publicados na nossa revista DESARMADA. Em paralelo, os meus alunos do Curso de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, inscritos na cadeira de Introdução à Problemática das Ciências Humanas, aceitaram dedicar todos os seus ensaios de investigação no segundo semestre ao fenómeno da pandemia. Propus que os escrevessem como artigos de intervenção que eu gostaria de publicar na revista da Fábrica. Desse modo, os seus trabalhos académicos não ficariam confinados aos exercícios de avaliação. Eles aproveitariam a situação de encarceramento involuntário nas suas respectivas casas para romperem com décadas de confinamento do pensamento às paredes das Universidades.
A minha condição de teletrabalho legitimou um gesto de pirataria informática. Enviei a todos os alunos, em PDF, a bibliografia fundamental dos autores que, em ciências humanas, mais radicalmente têm pensado os enredos políticos, éticos e epistemológicos dos modelos de governamentalidade descritos por Foucault nos anos 70. Esse foi o caso das obras de Sloterdijk, Zizek, Agamben, Esposito, Byung-Chul Han, Negri, Butler, para mencionar apenas os mais relevantes. E, quando comecei a traduzir alguns dos artigos recentes de Agamben e de Byung-Chul Han sobre a pandemia, para também os disponibilizar aos alunos, apercebi-me de que, quase todos, já tinham sido traduzidos por investigadores solitários ou por colectivos activistas tanto em Portugal como no Brasil.

Pedi então a alguns dos alunos que fizessem traduções de outros artigos recentes. Conseguimos assim uma compilação monumental de materiais recentes sobre a crise da Covid. É essa compilação que é publicada neste número da DESARMADA. O próximo número iniciará a publicação dos melhores trabalhos sobre a catástrofe da pandemia que vierem a ser construídos pelos alunos da cadeira de Introdução à Problemática das Ciências Humanas do Curso de Filosofia da Faculdade de Letras.

A quantidade de textos sobre a pandemia acabou por ser imensa. Até porque eles não esgotam este número. Publicamos também textos críticos e reportagens vídeo sobre as exposições e sobre os trabalhos de performance e de teatro realizados na Fábrica nos meses de Janeiro, Fevereiro, Março. Temos entrevistas com artistas plásticos e performers, recensões de livros recentes, notícias sobre a escola de música. Para não destruir fisicamente este número da DESARMADA, os textos não serão publicados na íntegra. No interior da revista surgirá apenas a primeira página. O resto do artigo pode ser lido em Hipertexto. Construimos um link externo para cada texto.

E para não destruir psiquicamente a experiência de leitura desta reunião de textos sobre a catástrofe da Covid 19, procurámos apresentá-los na forma de um mapa. Distinguimos domínios segundo os problemas que neles são formulados. Assim, teremos 5 capítulos.



1. *Filosofia da Medicina. Regresso à distinção entre o Normal e o Patológico. Alcance e limites do conhecimento médico. Políticas da saúde.*

- A conspiração de silêncio à volta do livro Médicos e Sociedade, de João Sampaio -
- Coronavirus e Bom Senso. Uma leitura biopolítica do Covid-19, de João Sampaio -
- The Covid Manifesto, vídeo com Rubin Damaia -

2. *Ética e Bioética. A ética como prática de resolução de dilemas com resposta múltipla ou a ética como lugar de problematização de si. Bioética ou Antropotécnica?*

- O capitalismo tem seus limites, de Judith Butler -
- O virus, o sistema letal e algumas pistas para depois da pandemia, de Markus Gabriel -
- O fantasma da ordem reencontrada volta a surgir, de Peter Sloterdijk -

3. *Biologia e Biopolítica. O que é "uma vida"? Quando as leis do mercado são transformadas em fenómenos naturais.*

- O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, de Byung-Chul Han -
- Biopolítica na era do coronavirus, Daniele Lorenzini -
- Distanciamento social, de Giorgio Agamben -
- Esclarecimentos, de Giorgio Agamben -
- Reflexões sobre a peste, de Giorgio Agamben -
- Como viver juntos: a dívida e a dádiva, de Hugo Vale -
- Desobediência, por tua causa vou sobreviver, de Maria Galindo -
- Vigiar e Punir, Nascimento das Prisões, de Michel Foucault -
- Aprendendo com o vírus, de Paul B. Preciado -

4. *Política. O fim do capitalismo ou advento de um pós-capitalismo selvagem? De novo a hipótese comunista.*

- O vírus americano, de Brian Massumi -
- É o capitalismo, estúpido! de Maurizio Lazzarato -
- Coronavírus é um golpe no capitalismo ao estilo de "Kill Bill" e poderia conduzir à reinvenção do comunismo, de Slavoj Zizek -

5. *Crise climática. Um outro fim do mundo é possível.*

- Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise, de Bruno Latour -



FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

Take Away ou Delivery

a nossa comida em sua casa, da forma que prefere

Quando fechámos no dia 12 de Março (devido à crise provocada pela COVID-19), pensava-se que seria possível reabrir a 1 de Abril. Parecia mentira, e era! Ainda assim, não desistimos, e mesmo não podendo abrir portas em pleno, abrimos a nossa Cozinha para todos poderem matar saudades dos sabores da Fábrica Braço de Prata.

Segunda a Domingo
12h-22h

Pedidos e Reservas

968 599 969

Menu
clique aqui

1.

Filosofia da Medicina. Regresso à distinção entre o Normal e o Patológico. Alcance e limites do conhecimento médico. Políticas da saúde.

A conspiração de silêncio à volta do livro Médicos e Sociedade

João Sampaio

Coordenação de António José Barros Veloso

O livro Médicos e Sociedade, Para uma História da Medicina em Portugal no sec.XX (By the Book, Lisboa, 2017) apresenta-se, ao que julgo, como o primeiro a fazer uma história consistente da medicina portuguesa do século XX.



Tem como autor/coordenador uma figura rara, o médico António José Barros Veloso.

Para além de especialista em Medicina Interna, é músico de Jazz e investigador em Filosofia das Ciências. Neste volume, que ele coordena, participam 38 autores.

No entanto, a consistência da narrativa só foi possível através dos textos de Barros Veloso. A razão é simples. Em Portugal, só ele possui uma historiografia da Medicina fundada numa compreensão alargada dos problemas epistemológicos, antropológicos e políticos da prática médica. Como a viveu no tempo, não produz história, visita-a. Não colecciona factos dos arquivos para relacionar e concluir acriticamente: estuda os assuntos, coloca hipóteses explicativas, discute-as e procura confirmação nos arquivos certos. Reavalia em função de determinantes externalistas sócio-culturais, tendo sempre atenção à importância do fortuito em História. Com o rigor da Filosofia do Conhecimento e sem concessões ao impressionismo opinativo(...)

Clique na imagem para ler o texto na integra.

Coronavírus e bom senso: uma leitura biopolítica da Covid-19

Por João Sampaio

No final no século XIX, o hoje muito conhecido Ricardo Jorge toma a decisão de estabelecer um cordão sanitário à cidade do Porto, como médico municipal do Porto. Perante uma epidemia de Peste bubónica iniciada num navio inglês, Ricardo Jorge, médico de proximidade na cidade, assume a decisão de Saúde adequada à situação de saúde pública que se tinha iniciado na região. Como resultado da sua decisão de Saúde, o amado médico Ricardo Jorge é expulso da cidade do Porto à "pedrada", fixando-se definitivamente em Lisboa, onde iniciaria a Saúde, como Saber, em Portugal.

É à pedrada, que a distinção entre os conceitos de Saúde e Medicina se estabelece em Portugal.
O médico-médico Ricardo Jorge, responsável por tantos regressos do "Ter corpo" ao "Ser corpo" de tantas Pessoas, próprio da Medicina, apropriava-se do Corpo daquelas mesmas Pessoas, condenando-as não só à doença e subsequente angústia da sua Existência, como à miséria, colocando-as em situação limite perante a Morte; pela sua consciência social, transformou-se em médico-sanitarista, administrador da Multidão, como somatório de todos os Indivíduos portugueses e seus Corpos, com a convicção de servir melhor a Multidão, sacrificando uma minoria dos Corpos dos seus indivíduos.

O fenómeno bio-poder, de que Ricardo Jorge foi intérprete, sempre existiu, desde o Império Romano. Conforme os diversos tempos históricos, e nas civilizações entretanto criadas, ele foi adquirindo novas manifestações — mas, o fenómeno é o mesmo. No entanto, na Sociedade-multidão contemporânea verifica-se uma alteração radical: o Corpo, esse terreno sagrado do Iluminismo, passa da propriedade do Estado, para ser pertença do Mercado. Em nome de uma nova ideologia, matriz única de interpretação da realidade — a Técnico-Ciência, o Capitalismo neo-libral de cariz financeiro apodera-se do Corpo dos Indivíduos, de modo a melhor os gerir para manter a Multidão produtiva em gelatina (treme coesa, mas não parte). Utilizando como argumento a verdade da Ciência como dogma não discutível, manipula o Substantivo na linguagem comum para comunicar, descredibilizando as Disciplinas da razão-acção que lidam com a Pessoa, e sua relação com o Universal. Assim morre a Política e a Medicina.

A saúde gere recursos. Na actual situação de pandemia por Pneumonia viral por Covid 19, constata-se a sua única preocupação: controlar o número de Corpos estragados pela pneumonia ao número de vagas de oficinas que os podem arranjar. Assim se justifica que um Doente possa morrer numa Unidade de Cuidados Intensivos, sem ver um médico, assistido por múltiplos algoritmos que a Medicina não pode subscrever. Para a Medicina, o acto médico é sempre presencial, o Doente um existente concreto e irrepetivel em situação limite, angustiado e em sofrimento perante a evidência da morte. É um todo irredutível a uma pneumonia, porque na sua singularidade, a pneumonia a Covid 19 é apenas uma hipótese que pode (ou não) confirmar-se;



e que a história clínica e o exame objectivo podem esclarecer com mais especificidade e rapidez do que qualquer exame tecnológico proposto por algoritmo E que mesmo diagnosticada, tem que ser contextualizada no Todo do Doente, pois o que a Saúde considera (por telefone) um quadro ligeiro da Infecção, poderá ser num Doente concreto, o fator desencadeante de uma morte por uma outra doença, como a Insuficiência cardíaca.

Irresponsável, a Saúde, essa nova Ciência social da eficácia da gestão de Corpos, produz uma nova pandemia não Covid 19 — a Pandemia da angústia. Com estante e livros em cenário, surgem todos especialistas em detalhes de Corpo, alguns licenciados em Medicina, confundindo o mais provável com a certeza científica, confundindo o indivíduo abstracto da matemática com a realidade da Pessoa. Não faltam, também, os especialistas científicos do Espírito e suas explicações metafísicas complexas, do género temos medo da morte. Comum a todos eles: conhecer o que não percepcionaram. E como lembra Julio de Matos, ao desprezarem o conhecimento como um todo, juntam-se à religião, para destruir o Pensamento experimental, fundamento de todo o seu discurso.

No canal de Serviço público da televisão com menor audiência, ao final da noite, e sem cenário, surge um Médico — Dr. Maltez. É apresentado como infecciologista. Oriundo da medicina geral hospitalar, legitimado por concursos públicos, com a particularidade de estar a tratar, com a sua equipa, todos os Doentes da zona sul do País. Que nos diz ele a nós Pessoas: nenhuma medida de contenção de propagação do vírus tem suporte científico, excepto o cordão sanitário radical que inclua pessoas e mercadorias; as outras medidas de afastamento social são do domínio do razoável. E mais, está a tratar os Doentes com medicamentos por critérios de racionalidade clínica, não esperando por qualquer fundamento da ciência. Significativamente, não mostra gráficos, não refere percentagens, não burocratiza a morte. Mostra conhecimento seguro, mostra vida clínica, para além de qualquer ciência ou técnica. Usa, exclusivamente, a linguagem da Medicina.

A Medicina, como disciplina do saber-fazer, dependente de todas as ciências e filosofias, tem como obrigação preservar a temporalidade da Pessoa doente. Por isso, nunca sabe quando ela vai morrer, nem qual a causa— sabe que na liberdade da Pessoa, não se pode tocar.Na relação médico-Doente, rejeita a linguagem para utente da técnico-ciência. Assim:

1. O Covid 19 é um Vírus, como milhões de micro-organismos, que se adaptou ao hospedeiro humano para cumprir o seu ciclo vital.

2. O Homem infectado, na sua generalidade, recebe bem a sua contaminação, adaptando-se a uma co-existência equilibrada de que os dois beneficiam. A análise é positiva para o vírus.

3. A doença pelo vírus verifica-se por motivos desconhecidos. Como qualquer Doença ela é caracterizada pela incapacidade para a acção no quotidiano, iniciada pela existência de sinais do Corpo que manifestam uma perturbação do seu próprio equilíbrio, e a sua significação.

4. A perturbação biológica responsável pela doença não é da responsabilidade do vírus. Ela resulta de um desequilíbrio entre a libertação de substâncias tóxicas do vírus para o pulmão e uma reacção de todo o Organismo (e não só o sistema imunológico) de sensibilidade excessiva, libertando células e mediadores químicos para o local de agressão que danificam, não só o vírus, mas também os tecidos pulmonares, onde o vírus está preferencialmente instalado.
A ciência ignora a maioria destes mecanismos, mas tem consciência disso; a técnico-ciência tem consciência da inutilidade do seu conhecimento, por agora.

5. A doença resulta de uma Pneumonia (inflamação dos pulmões), de que a responsabilidade do Covid 19, por si só, é desconhecida.
É ela que provoca a incapacidade para a acção.
O meio mais precoce de detectar uma pneumonia Covid 19 é o exame clínico, e não qualquer tipo de exame complementar, nomeadamente análises e radiografias. A Medicina sabe tal facto, a técnico-ciência considera-o pouco operativo (prefere o algoritmo telefónico).

6. É desconhecida a mortalidade da Doença, Atingindo os escalões etários mais elevados, em que qualquer doença infecciosa é mais frequente e mortal, a existência de outras doenças prévias, por frequente, tornam impossível a responsabilização de cada elemento doença na causa de morte, (os factos "percutem-se" entre si para formar a causa de um fenómeno).
O enunciado da técnico-ciência " Há x doentes de Covid 19, dos quais morreram y " é objetivamente falsa. Poderá ser operativa, mas por produzir, eficazmente, valor financeiro.

7. É prudente não afirmar: a doença não tem tratamento. Não há tempo, nem Doentes suficientes, para fundamentar tal enunciado, e a resposta animatória a medicamentos baratos, contraria tal verdade da técnico-ciência como definitiva.

O "não há tratamento para a Covid 19" é o conjunto de palavras (e número) mais operativo da história do neo-liberalismo.

Recentemente, a R.P. da China colocou nas suas medidas normativas para a Covid 19 a visita médica domiciliária, como medida a considerar, sempre que possível. Sem referência "científica" que tal fundamente.
É preciso refundar a Medicina. Combatendo o neo-liberalismo. Depois veremos... já em liberdade!

João Sampaio é Médico, especialista em Medicina Interna, Investigador do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa.



Rubin Damaia

The Covid Manifesto

Clique na imagem para assistir ao vídeo.

2.

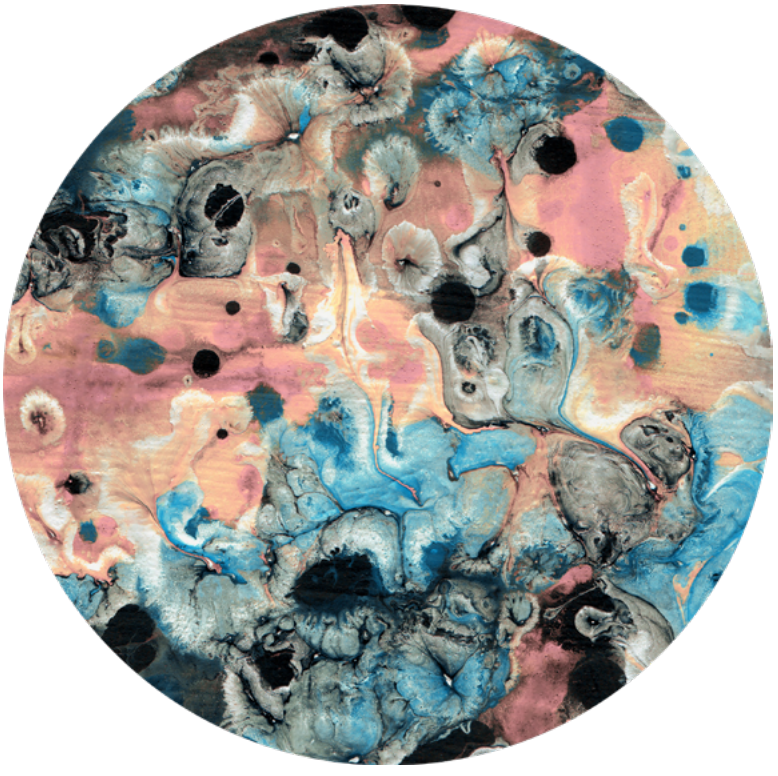
Ética e Bioética. A ética como prática de resolução de dilemas com resposta múltipla ou a ética como lugar de problematização de si. Bioética ou Antropotécnica?

O capitalismo tem seus limites

Publicado no site Situação a 24 de Março de 2020

Judith Butler

O imperativo do isolamento coincide com uma nova percepção da nossa interdependência global durante o novo tempo e espaço de pandemia. Por um lado, foi-nos pedido que nos sequestremos em unidades familiares, em espaços de habitação partilhados ou domicílios individuais, privados de contacto social e relegados para esferas de relativo isolamento; por outro, enfrentamos um vírus que rapidamente atravessa fronteiras, ignorando a própria ideia de território nacional. Quais são as consequências desta pandemia para pensar a igualdade, a interdependência global e as obrigações que temos uns para com os outros? O vírus não discrimina. Poderíamos dizer que nos trata de igual forma, que nos coloca igualmente em risco de ficarmos doentes, de perdermos alguém próximo, de vivermos num mundo sob ameaça iminente. O vírus, pela forma como se move e ataca, demonstra que a comunidade humana é igualmente precária. No entanto, tanto o falhanço de alguns estados ou regiões em precaver-se antecipadamente (os EUA são talvez o membro mais notório dessa equipa), como o reforço de políticas nacionais e o encerramento de fronteiras (muitas vezes acompanhadas de uma histeria xenófoba), e a chegada de empreendedores ansiosos por extrair capital do sofrimento global, todos testemunham da rapidez com a qual a desigualdade radical – que inclui o nacionalismo, a supremacia branca, a violência contra as mulheres, pessoas queer e trans, e a exploração capitalista –, encontra formas de reproduzir e refortalecer os seus poderes em zonas de pandemia(...)

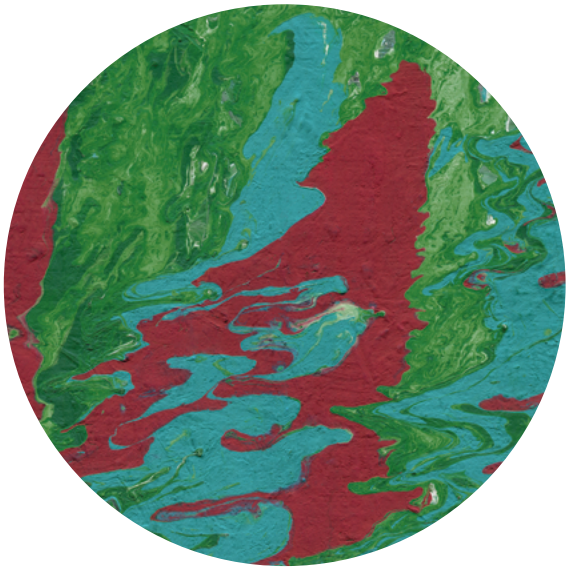


Clique na imagem para ler o texto na integra.

O virus, o sistema letal e algumas pistas para depois da pandemia

Markus Gabriel

Publicado no El Pais a 27 de Março de 2020



A ordem mundial está transtornada. À escala do universo, invisível ao olho humano, propaga-se um vírus cuja verdadeira magnitude desconhecemos. Ninguém sabe quantas pessoas estão doentes de corona vírus, quantas morrerão ainda, quando será desenvolvida uma vacina, entre outras incertezas. Tão-pouco se sabe que efeitos terão para a economia e a democracia as actuais medidas radicais de um estado de excepção que afecta toda a Europa.

O corona vírus não é uma doença infecciosa qualquer. É uma pandemia vírica. A palavra pandemia vem do grego antigo, e significa “todo o povo”. Com efeito, todo o povo, todos os seres humanos, estão afectados por igual.

Mas é precisamente isso que não entendemos se acreditamos que tem algum sentido encerrar as pessoas dentro de fronteiras.

Certo, é precisamente aí que reside o problema. A pandemia afecta-nos a todos, é a demonstração de que todos estamos unidos por um cordão invisível, a nossa condição de seres humanos. Perante o vírus somos todos, efectivamente iguais; perante o vírus os seres humanos não são mais do que isso, seres humanos, isto é, animais de uma determinada espécie que oferece um hóspede a uma reprodução mortal para muitos.

Clique na imagem para ler o texto na integra.

O fantasma da ordem reencontrada volta a surgir

Entrevista por Christophe Ono-Dit-Biot
publicada no Jornal Le Point em 19 de Março de 2020

Peter Sloterdijk

Face à tomada de poder de uma "securocracia" disfarçada de "medicocracia", o filósofo convida a reler Boccaccio e a considerar o estudo de uma nova ciência, a "labirintologia".

Le Point: O que lhe inspira esta "paragem" forçada da actividade humana, estas cidades mortas, estes aviões, estes estádios e estas escolas vazias, esta forma de reatar os grandes medos medievais, o pensamento apocalíptico?

Peter Sloterdijk: É necessário primeiro constatar que vivemos na época da sobrereacção. Depois de, pelo menos um século, a simetria do par acção/reacção, estabelecida por Newton, e estudada por Starobinski ao nível da sua aplicação cultural e política, foi ultrapassada por uma assimetria em favor da acção. Ser moderno, isso quer dizer acreditar no primado do agir. Por isso, no momento em que nos encontramos, por uma vez, numa situação que nos impunha um pouco de passividade, escolhemos a fuga no activismo exagerado. Nós estamos num caso de hiperalergologia em relação aos agentes que nos farão eventualmente sofrer. Assim, porque um contágio sobrevém devido a um novo membro do universo macrobiótico ao qual não conhecemos ainda grande-coisa, fechamos todas as escolas mesmo sabendo que as crianças não são quase nada ameaçadas, porque elas dispõem de uma imunidade natural, surpreendente ademais. De ora em diante, todo o mundo, absolutamente todo o mundo, é convidado a sentir-se ameaçado.
E o homem está de tal forma disposto a se fantasmar ameaçado que uma boa parta da população europeia assume de ora em diante a ideia de fazer parte de uma espécie em via de extinção.



Clique na imagem para ler o texto na integra.

3.

Biologia e Biopolítica. O que é "uma vida"? Quando as leis do mercado são transformadas em fenómenos naturais.

O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã

Publicado no El País em 22 de Março de 2020

Byung-Chul Han



O coronavírus está colocando nosso sistema à prova. Ao que parece a Ásia controla melhor a epidemia do que a Europa. Em Hong Kong, Taiwan e Singapura há poucos infectados. Em Taiwan foram registrados 108 casos e 193 em Hong Kong. Na Alemanha, pelo contrário, após um período muito mais breve já existem 19.000 casos confirmados, e na Espanha 19.980 (dados de 20 de março). A Coreia do Sul já superou a pior fase, da mesma forma que o Japão. Até a China, o país de origem da pandemia, já está com ela bem controlada.

Mas Taiwan e a Coreia não decretaram a proibição de sair de casa e as lojas e restaurantes não fecharam. Enquanto isso começou um êxodo de asiáticos que saem da Europa. Chineses e coreanos querem regressar aos seus países, porque lá se sentem mais seguros. Os preços dos voos multiplicaram. Já quase não é possível conseguir passagens aéreas para a China e a Coreia.

A Europa está fracassando. Os números de infectados aumentam exponencialmente. Parece que a Europa não pode controlar a pandemia. Na Itália morrem diariamente centenas de pessoas. Retiram os respiradores dos pacientes idosos para ajudar os jovens. Mas também vale observar ações inúteis. Os fechamentos de fronteiras são evidentemente uma expressão desesperada de soberania.

Clique na imagem para ler o texto na integra.

A biopolítica na era do vírus

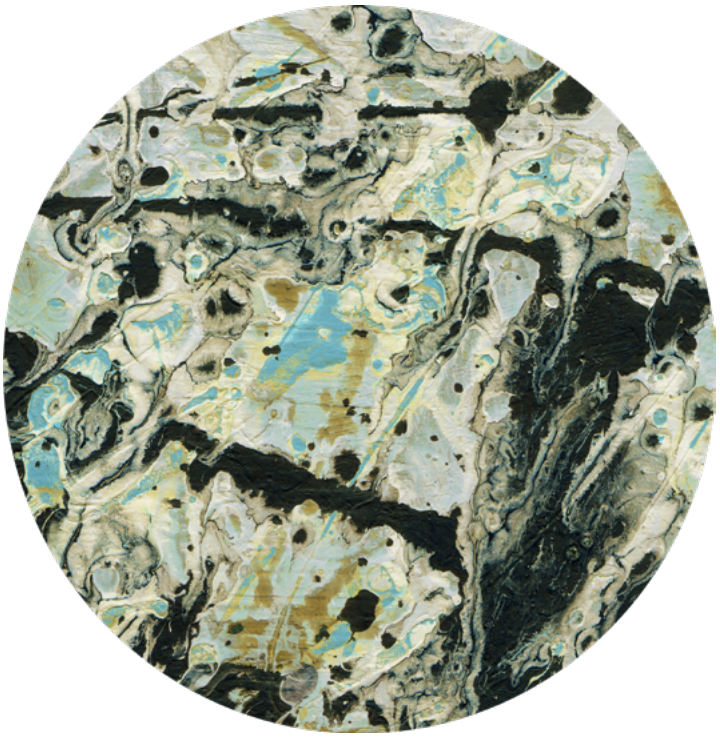
Publicado no site Situação a 12 de abril de 2020

Daniele Lorenzini

Numa recente publicação, Joshua Clover observa de forma perspicaz a repentina emergência de uma nova panóplia de "géneros da quarentena". Não devia causar espanto algum que um deles se focasse na noção de biopolítica de Michel Foucault, perguntando se esta ainda serve ou não para descrever a situação em que actualmente vivemos. E também não devia ser surpresa nenhuma que, virtualmente em quase todas as contribuições que fazem uso do conceito de biopolítica para responder à actual pandemia do coronavírus, se repetem vezes sem conta o mesmo conjunto de ideias relativamente vagas, ao passo que outras visões foucaultianas – sem dúvida mais interessantes – tendem a ser ignoradas. Nas linhas que se seguem, abordo duas destas visões e concluo com alguns apontamentos metodológicos sobre a problemática do que poderá querer dizer "responder" à actual "crise".

A "Chantagem" da Biopolítica

A primeira coisa que gostaria de dizer é que a noção de biopolítica de Foucault, tal como ele a desenvolveu em 1976, não tinha como objectivo mostrar-nos o quão má é esta forma "moderna" de poder. Obviamente também não tinha como objectivo elogiá-la. A mim parece-me que Foucault, ao cunhar a noção de biopolítica, quer em primeiro lugar chamar-nos à atenção para a passagem histórica de um limiar e, mais especificamente, para aquilo que ele chama do seuil de modernité biologique ("o limiar da modernidade biológica") de uma sociedade(...)



Clique na imagem para ler o texto na integra.

Distanciamento social

Tradução de João Ayton, publicado originalmente no site Situação em 9 de abril de 2020

Giorgio Agamben



Se a história nos ensina que todo o fenómeno social tem ou pode ter implicações políticas, será oportuno registar com atenção o novo conceito que hoje entrou no léxico político do Ocidente: o "distanciamento social". Embora seja provável que o termo tenha surgido enquanto eufemismo pela crueza do até agora usado "confinamento", será importante perguntarmo-nos o que poderá ser uma ordem política sobre ele fundada. E isso torna-se ainda mais importante, se considerarmos que não se trata apenas de uma hipótese puramente teórica, mas a ser verdade, como de muitos lados se começa a ouvir, que a actual emergência sanitária pode ser entendida como um laboratório onde estão a ser preparadas as novas estruturas políticas sociais que a humanidade espera.

E se existem, como sempre, os tolos que sugerem que tal situação pode antes de mais ser considerada positiva, que felizmente as novas tecnologias digitais já nos permitem comunicar à distância, eu não creio que uma comunidade fundada sobre o "distanciamento social" seja humana e politicamente vivível. Em todo o caso, e qualquer que seja a perspectiva, parece-me que é sobre este tema que devemos reflectir(...)

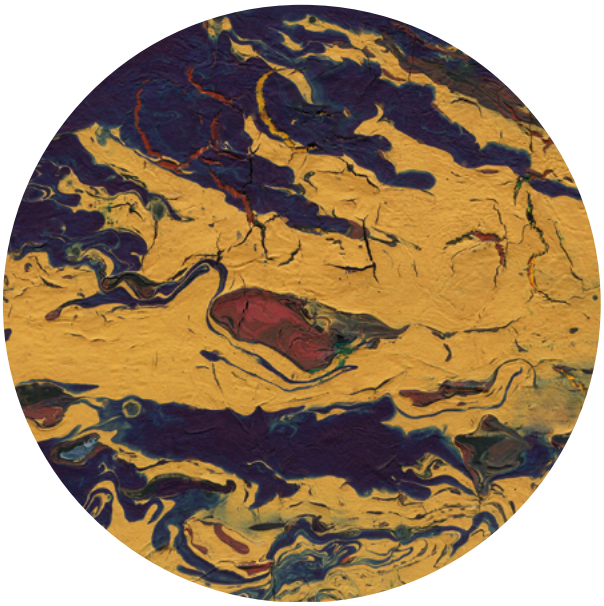
Clique na imagem para ler o texto na integra.

Esclarecimentos

Publicado em Quodlibet a 17 de Março de 2020.
Tradução de João Ayton, publicada originalmente no site Situação

Giorgio Agamben

Um jornalista italiano aplicou-se, no bom uso da sua profissão, a distorcer e a falsificar as minhas considerações sobre a confusão ética para que a epidemia atirou o país, onde já não existe sequer qualquer consideração pelos mortos.
E se nem vale a pena citar o seu nome, também não valerá a pena corrigir as manipulações óbvias. Quem quiser pode ler o meu texto Contágio no site da editora Quodlibet. Aí publico regularmente outras reflexões que, apesar da sua clareza, também elas serão presumivelmente falsificadas.
O medo é mau conselheiro, mas revela muitas coisas que fingimos não ver. A primeira coisa que a onda de pânico – que paralisou o país – mostra com evidência é que a nossa sociedade já não acredita em mais nada que não seja a vida nua. É evidente que os italianos estão dispostos a sacrificar praticamente tudo, as condições normais de vida, as relações sociais, o trabalho, até mesmo as amizades, os afetos e as convicções religiosas e políticas sob o perigo de contrair a doença. A vida nua – e o medo de perdê-la – não é algo que una a humanidade, mas que a cega e separa(...)



Clique na imagem para ler o texto na integra.

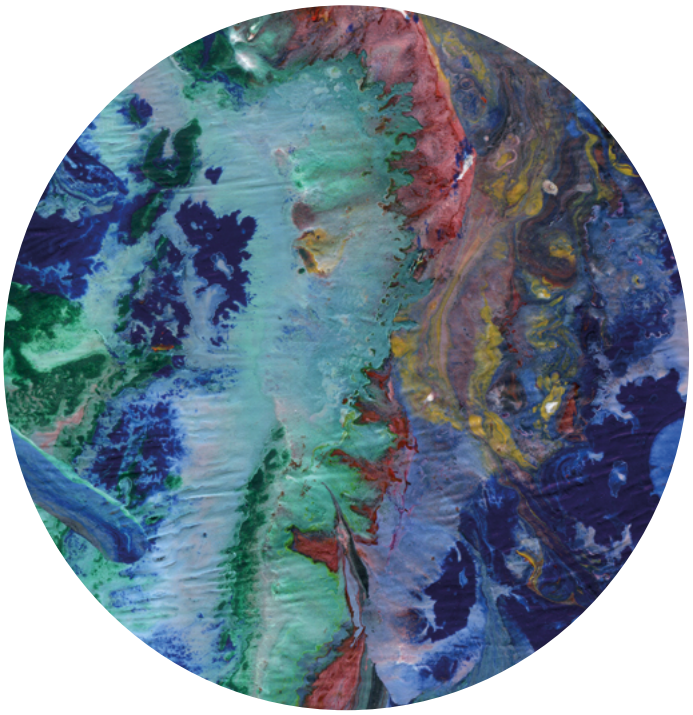
Reflexões sobre a peste

Giorgio Agamben

Publicado em Quodlibet a 27 de Março de 2020.
Tradução de Pedro Levi Bismarck e Luhuna Carvalho, publicada originalmente no site da revista Punkto.

As reflexões que se seguem não dizem respeito à epidemia, mas ao que podemos compreender das reacções dos homens relativamente a esta. Trata-se, isto é, de reflectir sobre a facilidade com que uma sociedade inteira aceitou sentir-se contaminada, isolar-se em casa e suspender as suas condições normais de vida, as suas relações de trabalho, de amizade, de amor e até mesmo as suas convicções religiosas e políticas. Porque não tiveram lugar, como era possível imaginar e como habitualmente sucede nestes casos, protestos e oposições?

A hipótese que gostaria de sugerir é que de alguma forma, ainda que inconscientemente, a peste já existia, e que, evidentemente, as condições de vida das pessoas tinham-se tornado tais que foi suficiente um sinal repentino para que estas surgissem pelo que eram – isto é, intoleráveis, como uma peste. E este, de certa maneira, é o único facto positivo que pode ser extraído da actual situação: é possível que, mais tarde, as pessoas se comecem a perguntar se o modo como viviam era o certo (...)



Clique na imagem para ler o texto na integra.

Como viver juntos: a dívida e a dádiva

Pré-publicação da primeira obra a ser editada na Colecção Fábrica do Braço de Prata, em parceria com a Editora Ponto de Fuga.

Hugo Vale

Da Governamentalidade

A tarefa de deitar a mão ao presente, de tentar compreender que forças nele operam – como se passam as coisas hoje em dia, como nos afectam e como respondemos a essa afectação –, ou seja, a tarefa de se fazer uma ontologia do presente não se prende com a criação de um sistema de pensamento que, formalmente, englobe todas as possibilidades de ocorrência no mundo, como no caso de Hegel – ou, noutra tradição, Wittgenstein –, nem mesmo com o restabelecimento de um raciocínio em torno do Ser, como foi o caso de Heidegger. Mais prosaicamente e sem delírios de grandeza, à maneira de Foucault, fazer uma ontologia do presente supõe a capacidade de nos ligarmos ao nosso entorno e o tomarmos como criação nossa, isto é, implica o exercício de colocar em causa tudo aquilo que sempre aceitámos como sendo o mundo, assim como nós mesmos e, tendo afinado o ponto de mira, questionarmonos acerca do modo como conduzimos a nossa vida.



Clique na imagem para ler o texto na integra.

Desobediência, por tua causa vou sobreviver.

Originalmente publicado em Radio Deseo e cedido pela autora para #APOCAELIPSIS. Tradução de Filipa Silva (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Maria Galindo

Tenho coronavírus, porque apesar de parecer que a doença ainda não entrou no meu corpo, as pessoas amadas têmno; porque o coronavírus está a passar pelas cidades por onde eu passei nas últimas semanas; porque o coronavírus mudou, com um estalar de dedos, como se fosse um milagre, uma catástrofe, como se se tratasse de uma tragédia sem esperança, absolutamente tudo. Onde estejas ele está, onde chegues ele já pisou e hoje, em nada se pode pensar ou fazer sem o coronavírus no meio.

Parece que não só tenho coronavírus, como todos o temos, todos nós; todas as instituições, todos os países, todos os bairros e todas as atividades.

O que é evidente é que o coronavírus, mais do que uma doença, parece ser uma forma de ditadura mundial multigovernamental de polícias e militares.

O coronavírus é um medo de contágio.

O coronavírus é uma ordem de contenção, por mais absurdo que isso seja.

O coronavírus é um comando à distância, por mais impossível que isso seja.



O coronavírus é uma permissão para suprimir todas as liberdades que, a título de proteção, são alargadas sem direito de resposta ou de interrogatório.

O coronavírus é um código de qualificação das chamadas atividades essenciais, em que o único permitido, é que vamos trabalhar ou que trabalhemos em teletrabalho como sinal de que estamos viv@s (...)

Clique na imagem para ler o texto na integra.

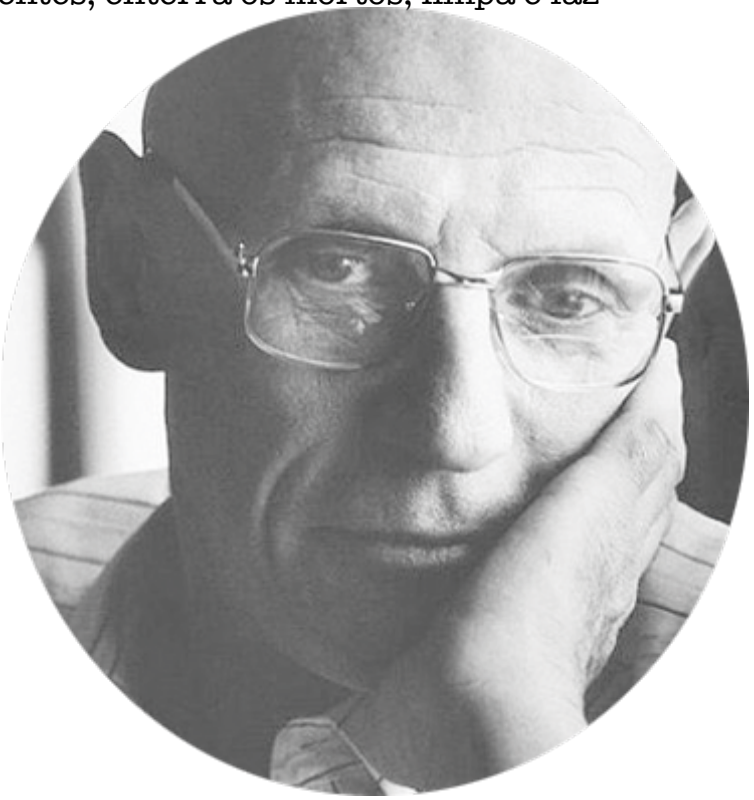
Vigiar e Punir.
Nascimento das Prisões (1975)

Michel Foucault

Tradução de Raquel Ramalhete, Petrópolis, Vozes, 1987

CAPÍTULO III - O PANOPTISMO

Eis as medidas que se faziam necessárias, segundo um regulamento do fim do século XVII, quando se declarava a peste numa cidade. Em primeiro lugar, um policiamento espacial estrito: fechamento, claro, da cidade e da "terra", proibição de sair sob pena de morte, fim de todos os animais errantes; divisão da cidade em quarteirões diversos onde se estabelece o poder de um intendente. Cada rua é colocada sob a autoridade de um síndico; ele vigia-a; se a deixar, será punido de morte.
No dia designado, ordena-se todos que se fechem em suas casas: proibido sair sob pena de morte. O próprio síndico vem fechar, por fora, a porta de cada casa; leva a chave, que entrega ao intendente de quarteirão; este a conserva até o fim da quarentena. Cada família terá feito as suas provisões; mas para o vinho e o pão, se terá preparado entre a rua e o interior das casas pequenos canais de madeira, que permitem fazer chegar a cada um sua ração, sem que haja comunicação entre os fornecedores e os habitantes; para a carne, o peixe e as verduras, utilizam-se roldanas e cestas.
Se for absolutamente necessário sair das casas, tal se fará por turnos, e evitando-se qualquer encontro. Só circulam os intendentes, os síndicos, os soldados da guarda e também entre as casas infectadas, de um cadáver ao outro, os "corvos", que tanto faz abandonar à morte: é "gente vil, que leva os doentes, enterra os mortos, limpa e faz muitos ofícios vis e abjetos".
Espaço recortado, imóvel, fixado.
Cada qual se prende ao seu lugar. E, caso se mexa, corre perigo de vida, por contágio ou punição.
A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda parte: "Um corpo de milícia considerável, comandado por bons oficiais e gente de bem", corpos de guarda nas portas, na prefeitura e em todos os bairros para tornar mais pronta a obediência do povo, e mais absoluta a autoridade dos magistrados, "assim como para vigiar todas as desordens, roubos e pilhagens"(...)

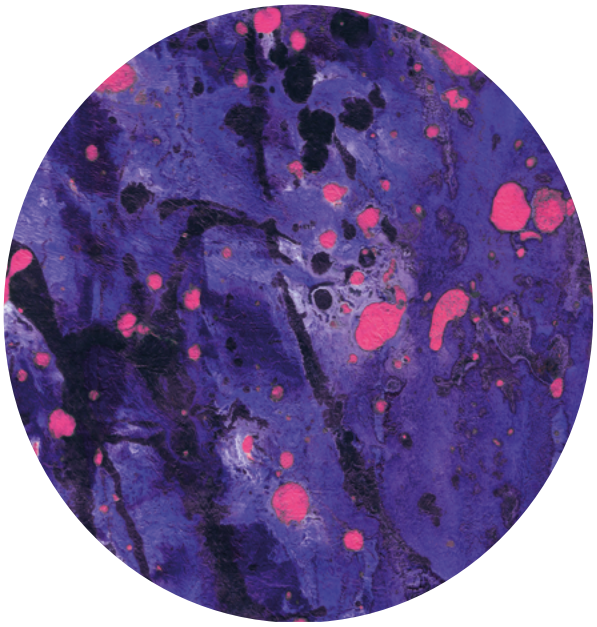


Clique na imagem para ler o texto na intergra.

Aprendendo com o vírus

Publicado no site Situação a 1 de Abril de 2020

Paul B. Preciado



Se Michel Foucault tivesse sobrevivido ao flagelo da SIDA e tivesse resistido até se ter inventado a triterapia, teria hoje 93 anos: teria ele aceite de bom grado fechar-se no seu apartamento da rue Vaugirard? O primeiro filósofo da história a morrer devido a complicações geradas pelo síndrome da imunodeficiência adquirida [SIDA] deixou-nos algumas das noções mais eficazes para pensar a gestão política da epidemia que, no meio do pânico e da desinformação, se tornam tão úteis como uma boa máscara cognitiva.

O aspecto mais importante que podemos aprender com Foucault é que o corpo vivo (e, portanto, mortal) é o objecto central de toda a política. Il n'y a pas de politique qui ne soit pas une politique des corps [Não há política que não seja política dos corpos]. Mas, para Foucault, o corpo não é um organismo biológico dado sobre o qual o poder viria a actuar. A própria tarefa da acção política é fabricar um corpo, pô-lo a trabalhar, definir os seus modos de reprodução, prefigurar as modalidades do discurso por meio das quais esse corpo se ficcionaliza até ser capaz de dizer "eu". Poder-se-ia olhar para todo o trabalho de Foucault como uma análise histórica das várias técnicas por meio das quais o poder gere a vida e a morte das populações(...)

Clique na imagem para ler o texto na integra.

4.

Política. O fim do capitalismo ou advento de um pós-capitalismo selvagem? De novo a hipótese comunista.

O vírus americano

Tradução de André Arias, publicada no site N-1 Edições

Brian Massumi

Por um rosto na ameaça. Depois dos ataques de 11 de setembro, a linhguagem usada em torno da ameaça terrorista tinha um toque decidiamente viral. Não eram raras as comparações diretas entre o terrorista e o vírus. Ambos possuem uma menira de te atingir inesperadamente, de irromper subitamente por baixo do limiar da percepção, atacando de qualquer direção uma implacabilidade inumana, de letalidade dispersa, quando não uma precisão assassina. O limar da pecepção coincidiu amiúde com a fronteira da nação. O terrorista era o inimigo "sem rosto", como "o outro", com uma fita solta de RNA entocada em um suíno, à espera de detonar a carne humana.

No meio disso, um terrorista doméstico meio incompetente, mas imaginativo, entrou em ação. Em maio de 2002, caixas de correio começaram a explodir no Meio-Oeste estadunidense. Durante alguns dias, dezoito aparelhos excplosivos improvisados foram plantados em caixas de correio do centro do Texas até o norte de Illinois. Os ataques não pareciam aleatórios. Pareciam seguir um padrão que ia sendo preenchido a cada ponto de incêndio. Os inimigos da nação estavam enviando alguma mensagem? Seria o prelúdio de um ataque maior? Pânico, uma caçada multiestadual se seguiu. Ele chegou perto, porém. Explicou que pretendia 24 explosões. Confessou que precisava de mais seis para desenhar um sorriso pelo coração dos Estados Unidos.



Os estilhaços sorridentes do **Smily Face Bomber** eram como um jack-in-box retalhado fazendo careta. Você conheceu o inimigo, e ele é você(...)

Clique na imagem para ler o texto na integra.

É o capitalismo, estúpido!

Tradução de André Arias, publicada no site N-1 Edições a 29 de Março de 2020

Maurizio Lazzarato



O capitalismo nunca saiu da crise de 2007/2008. O vírus se mistura à ilusão que têm os capitalistas, banqueiros e políticos de que podem fazer tudo voltar a ser o que era antes, declarando uma greve geral, social e planetária que os movimentos de contestação foram incapazes de produzir. A paralisação total do seu funcionamento demonstra que, na falta de movimentos revolucionários, o capitalismo pode implodir e a putrefação pode começar a infectar todos (mas respeitando as rigoras diferanças de classe). O que não significa o fim do capitalismo, mas sim a sua longa e extenuante agonia que poderá ser dolorida e feroz. Em todo caso, estava claro que esse capitalismo triunfante não poderia continuar, Marx, no Manifesto, já havia avisado. Não apenas contempou a possibilidade de uma vitória de classe sobre outra, mas também a sua imposão mútua e seu longo declinio.

A crise do capitalismo começa bem antes de 2008, com o fim da conversibilidade do dólar em ouro, e alcança sua intensificação decisiva a partir do final dos anos 70. Crise que se tornou uma maneira de reproduzir e de governar, mas que inevitavelmente resulta em “guerras”, catástrofes, crises de todos os tipos, e inclusive, se há forças subjetivas organizadas, eventualmente, em rupturas revolucionárias(...)

Clique na imagem para ler o texto na integra.

Coronavírus é um golpe no capitalismo ao estilo de "Kill Bill" e poderia conduzir à reinvenção do comunismo

Slavoj Žižek

Publicado em Russia Today a 27 de Fevereiro de 2020.
Tradução de Mariana Vilela, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Comunismo global ou lei da selva, o coronavírus força-nos a decidir.

À medida que o pânico do coronavírus se espalha, temos de tomar a derradeira escolha - ou agimos segundo a mais brutal lógica da sobrevivência do mais forte ou algum tipo de comunismo reinventado com colaboração e coordenação global.
Os nossos media repetem incessantemente a fórmula: "não entrem em pânico!" E depois chegam-nos todas as notícias que não podem senão despoletar o pânico. A situação assemelha-se à que me lembro da minha juventude num país comunista: quando oficiais do governo asseguravam aos civis de que não havia razão para pânico, todos assumíamos estas garantias como sinais claros de que eles mesmos estavam em pânico.

É demasiado sério para perder tempo com pânico.

O pânico tem uma lógica própria. O facto de, no Reino Unido, devido ao pânico do coronavírus até os rolos de papel higiénico terem desaparecido das lojas, faz-me lembrar um estranho incidente com papel higiénico da minha juventude na Jugoslávia socialista. De repente, um rumor começou a circular de que não havia papel higiénico suficiente nas lojas.



Clique na imagem para ler o texto na integra.

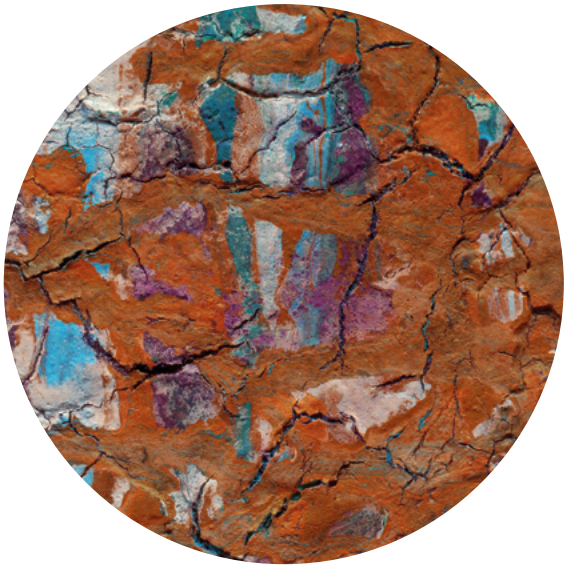
5.

Crise climática. Um outro fim do mundo é possível.

Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise

Bruno Latour

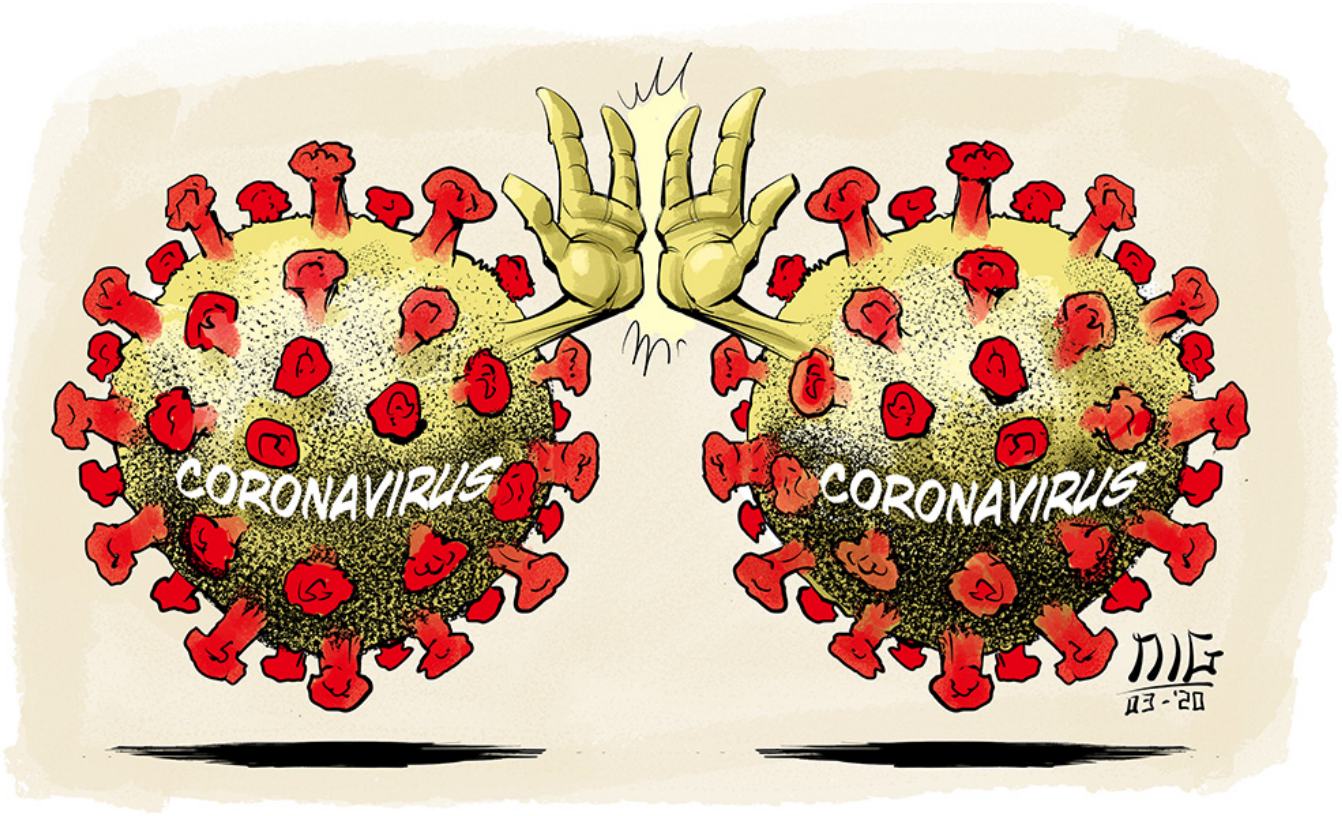
Tradução de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro
Publicado no site da N1 Edições em 29 de Março de 2020



Pode haver algo de indecoroso em nos projetarmos pela imaginação do período pós-crise, enquanto os trabalhadores da área da saúde estão, como se diz, “na linha de frente”, milhões de pessoas perdem seus empregos, e muitas não podem sequer enterrar seus mortos. E entretanto, é agora que devemos lutar para que, uma vez terminada a crise, a retomada da economia não traga de volta o mesmo velho regime climático que temos tentado combater, até hoje em vão. De fato, a crise sanitária está embutida em algo que é, não uma crise - uma crise é sempre passageira -, mas uma mutação ecológica duradoura e irreversível. Temos boa probabilidade de “sair” da primeira, mas não temos nenhuma chance de “sair” da segunda. As duas situações não estão na mesma escala, mas é muito esclarecedor relacioná-las.

Em todo caso, seria uma pena não aproveitarmos a crise sanitária para descobrir outras formas de adentrar a mutação ecológica, que não seja às cegas(...)

Clique na imagem para ler o texto na integra.



"*IDIOTS!* THEY DIDN'T REALIZE WE WERE ACTUALLY GOING AFTER THE *ECONOMY!*

Por Miguel Montenegro



O capitalismo está nu

Por Raquel Lima
Fotografias: Tomás Vasconcelos

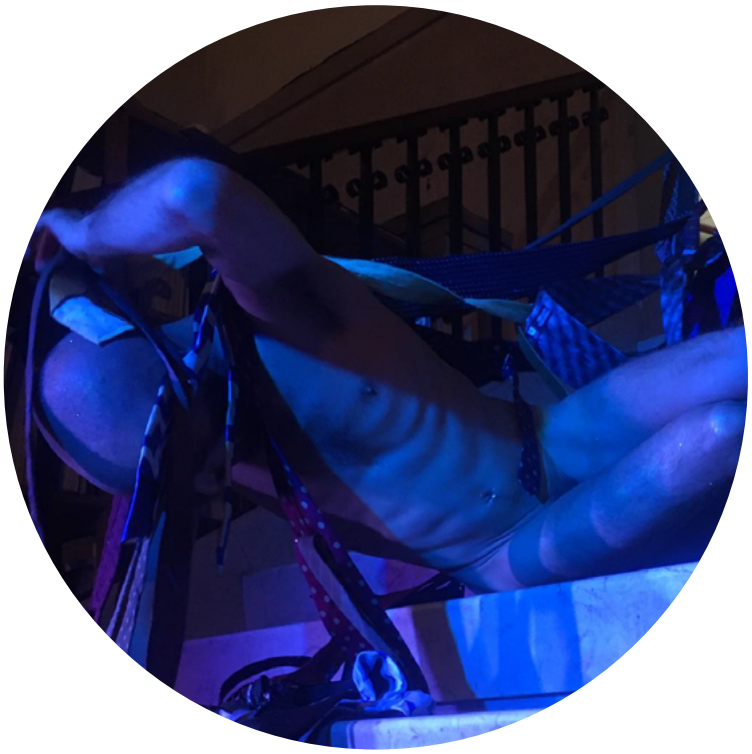
A arte performática é uma mãe permissiva para Pedro Lisboa. Como bom filho, reclama com corpo, mente e rebeldia a parte que lhe cabe na herdade materna de liberdade, multiplicidade e contestação - como fizeram os primogénitos dos movimentos de vanguarda no início do século 20. Seja como co-criador da plataforma artística “Yuuts Ruoy” ou em performances como “Come Walk With Me”, Pedro Lisboa questiona qualquer normatividade.

A mais recente criação também é assim. Antes do isolamento imposto pela Covid-19, a performance “Capitalixo-me” fez palco na Fábrica, nas duas primeiras sextas-feiras de Março.

Nos degraus de mármore da Escadaria Uriel da Costa e no chão de mosaico da sala Wassily Kandinsky, Pedro Lisboa contestou o capitalismo. Como feito antes, o artista despiu-se. Sem roupas na tentativa de ficar também sem máscaras, sem enfeites. Apenas Pedro Lisboa Castella, 28 anos, nascido em Lisboa, performer.

«Se nas minhas performances, maioritariamente, utilizo o meu corpo nu é porque este é o meu objecto de trabalho, sem roupas, sem máscaras, sem enfeites, sou eu, simples, nu, poético. Embora saiba que isto incomoda e chega a ser provocador, mas mais uma vez prova que as pessoas têm que abandonar as zonas de conforto, até para ver performance. É necessário ver mais para além do sexo num corpo nu».





Em “Capitalixo-me”, Pedro Lisboa veste apenas dois símbolos do capitalismo: gravatas e lixo. Na primeira apresentação, deixou-se ficar por mais de duas horas na escadaria, compenetrado, inabalável, a lutar com um fio de gravatas ora como marionetista ora como marionete, com a calma de quem aceita o próprio fado, mas não foge à luta. Ao fundo, a banda sonora repetia: “money, money, money”. No piso vermelho da Kandinsky, mais uma vez nu, o lixo produzido pelo “capital” sufocava o artista, que - com movimentos lentos - resistia, insistia, contestava.

«Tento reflectir sobre estes dois objectos tão distantes, mas que se acompanham mutuamente ao longo do tempo. A ideia é simples: quanto mais se consome, mais lixo se faz. Daí achar que este capitalismo maníaco que o mundo vive, nos esteja a levar para um pânico global, porque a perspectiva do desenvolvimento da poluição não é animadora, mas mesmo assim o mundo parece não abrandar (antes da Pandemia Covid-19)», resume o artista para a Desarmada.

Então, o Coronavírus pode ser o golpe duro capaz de amansar o capitalismo?, perguntamos. «Eu creio que a Covid-19 é um golpe duro para todos, mas, neste momento da pandemia, preocupa-me muito mais a minha família e amigos do que o capitalismo», responde categórico, para, em seguida, completar:

«Aliás, o capitalismo não está a sofrer com esta pandemia porque o mercado continua a funcionar. E é neste momento que percebemos que o sistema capitalista é uma merda e que se aproveita das necessidades das pessoas para criar ainda mais lucro. Máscaras de protecção à venda por 10€ numa altura de emergência!?! A economia vai sofrer um golpe, já o capitalismo está a aproveitar-se para nos dar um grande golpe».

Como, então, consumir arte é diferente do capitalismo? **«Podemos pensar na arte como comida. Não é capitalista comprar alimentação, um bem essencial, tal como não é consumismo procurar a arte. A arte deveria ser tomada como essencial. O capitalismo é real, é o nosso sistema, e disso não fujo. Só não admito é o capitalismo cego, em que só se vê dinheiro, dinheiro, dinheiro e dinheiro e em que o valor da obra reflecte a sua qualidade, isto é um erro»**, defende Pedro.

O artista confessa ainda ser a favor do mercado da arte, mas desde que o capital não se sobreponha à obra artística.

«Daí defender que o dinheiro é única e exclusivamente para pagar ao artista, que dedicou um certo tempo da sua vida a criar aquela obra. E não como se faz nas instituições artísticas, em que o dinheiro vai mais para a instituição do que para o artista...».

A provocação não é apenas discurso para Pedro Lisboa. É motivação para colocar-se num sítio desconfortável, que depende do que está a experienciar no momento da criação. «**Já me lavei em detergente de roupa e fiquei duas semanas com uma ferida na córnea, já estive 6h sentado sem me mexer numa prateleira pendurada a 2 metros do chão, já coloquei flores no meu ânus**», enumera. É um processo criativo que depende de estados energéticos, mas que nunca deixa de questionar o que provoca desconforto aos outros.



O primeiro grande questionamento artístico de Pedro Lisboa deve ter sido deixar o teatro. **«Comecei a fazer teatro com 10 anos de idade, frequentando pequenos cursos, o que me levou a inscrever-me num técnico na Escola Profissional de Teatro de Cascais, onde o teatro é pesado, e o texto se sobrepõe a tudo. Algo que logo cedo me começou a fazer um pouco de confusão»**, lembra. O próximo passo para construção do artista de hoje foi dado na Escola Superior de Artes e Design, em Caldas da Rainha.

«Lá, a ideia de que faria um curso experimental foi logo revertida porque, naquele exacto ano, a direcção tinha adoptado para uma lógica muito mais académica e clássica. Felizmente, ainda apanhei alguns professores que abriram o meu campo de visão para as mil e uma hipóteses de comunicar com o público».

Neste momento, nasceu os "Yuuts Ruoy", que deu Pedro à luz da performance.



«Nunca tentei arranjar um conceito para arte performática, como muitos intelectuais tentam. Para mim, a performance é a descoberta que fazemos fora da nossa zona de conforto, onde chegamos a estados em que a intuição e o impulso são os bens mais necessários que temos», conta e declara orgulho pelos artistas portugueses, que **«criam com quase nada, são resilientes e entregam tudo em cada projecto».**

A experiência na "Yuuts" também deu a Pedro Lisboa uma visão da realidade vivida pelos colegas de profissão. Em suas palavras, os governantes mais tiram o tapete aos artistas do que os apoia.

«Se mesmo galerias, instituições de arte, companhias de dança e teatro prestigiadas, e com um longo caminho a produzir a arte para as massas, não é apoiada pelo Estado, logo a arte do imprevisto e da linguagem pessoal, como a performance, é muitas vezes desprezada». O performer crê que este «sentimento de desrespeito» faz os artistas «serem mais e melhor».

Curso Livre de Filosofia Contemporânea

João Garcia Miguel



No fim de Janeiro recebemos na Fábrica Braço de Prata João Garcia Miguel, talvez aquele que, em Portugal, mais sistematicamente trabalhou e pensou o mundo da performance.

João Garcia Miguel há muito que escreve obras performativas, assim como ensaios sobre as várias dimensões do corpo no acto criativo. Em 2017 defendeu uma tese de doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa precisamente com o título Performance, Corpo e Inconsciente. Nesta tese, é uma vida inteira dedicada à performance (os seus primeiros trabalhos são do início dos anos 80) que se transforma em laboratório teórico. Não nos podemos esquecer que o experimentalismo performativo de João Garcia Miguel esteve ligado à criação dos principais movimentos artísticos que, em Portugal, se reclamam da herança do movimento DaDa. JGM Foi , entre outras coisas, fundador do Canibalismo Cósmico, da Galeria Zé dos Bois e do Grupo de Teatro OLHO. Durante dois anos (2009-2011) dirigiu o ciclo de performance Epipiderme na Fábrica do Braço de Prata.
Em 2014 recebeu o prémio de Melhor Encenação da SPA com Yerma de Garcia Lorca. Actualmente é presidente da Associação Teatro Ibérico e o director da Companhia residente João Garcia Miguel. É ainda director artístico do Teatro Cine de Torres Vedras.

Clique na imagem para assistir sua fala.

Exposições de Março/Abril

Texto e Voz por Anita Pinto
Vídeos: Silvia Rebelo



Bem-vindos a primeira visita online das exposições da Fábrica Braço de Prata! Durante o período de quarentena e meses que ainda estejamos em estado de alerta, gostávamos de partilhar com nossos valorosos clientes e amigos um pouco de arte, e claro, valorizar o trabalho dos vários artistas que tanto se empenharam para estar cá convosco. Esperamos que gostem!

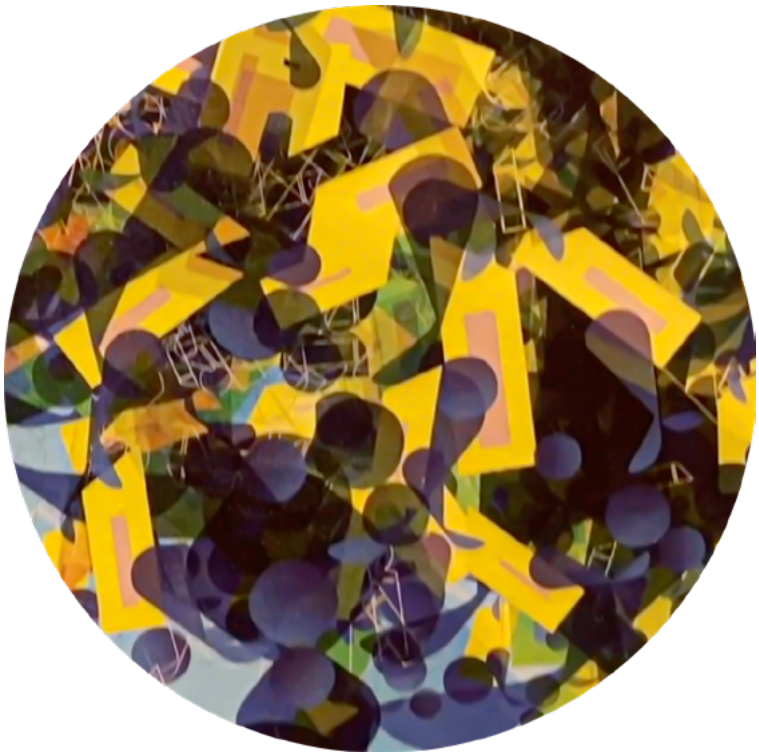
Clique nas imagens a seguir para assistir os vídeos.

#Streetstories

António Pedro Santos (PT)
Sala Woolf



António Pedro Santos nasceu em Lisboa, no ano de 1974. O artista, que tem como maiores inspirações mestres como Henri Cartier-Bresson e David Alan Harvey, adotou o desafio de captar instantâneos a partir de uma mostra que lhe mudou a vida aos 21 anos de idade.
"#streetstories", esta exposição que apresenta aqui na Sala Woolf, revela a paixão do artista pela Fotografia de Rua, conceito que desenvolve no dia-a-dia com ajuda de um telemóvel Iphone 7.
Como um interlocutor invisível, o fotógrafo busca e concilia os personagens com a luz, a composição, o fundo e a própria arquitetura da cidade. As imagens ganham vida e destacam-se pela improvisação de um olhar curioso que transforma a observação do cotidiano em espontâneas imagens quase coreografadas, que acabem por revelar a personalidade do artista, como observador.



Este (O Espelho)

Pedro Palrão (PT)
Sala Foucault

Pedro Palrão, que é também designer gráfico, nasceu em Portalegre, Portugal, em 1984.
"Coordenadas Oníricas" é o nome para um conjunto de 4 mostras a decorrer agora em 2020. A primeira da série chama-se "Este,o Espelho", que vemos aqui na Sala Foucault. A exposição fala sobre reflexo e sugere a auto-observação que nos invoca a consciência de nossos próprios padrões de pensamento, como é feito no processo gestáltico.
Na construção das imagens o que vemos é um caos controlado e uma desfragmentação de formas orgânicas que se repetem, se movimentam, se reposicionam e se sobrepõem. Para isso, o artista se vale da observação e sensibilidade onírica a fim de deixar livre os impulsos de sua própria mente, que surge como meio principal na realização deste trabalho.

Entre a Obscuridade e a Dispersão da Luz

José Marques Aguilar (PT)
Sala Kandinsky

José Marques Aguilar nasceu em Vila Nova da Barquinha em 1952.
Na exposição "Entre a Obscuridade e a Dispersão da Luz", na sala Kandisnky, o artista, que é membro da Sociedade Nacional de Belas Artes, optou por nos trazer duas séries com técnicas que se opõem. Numa, tens na abstração a experimentação de cores inspiradas nos registros do cotidiano do artista, que são representadas sobre a tela em movimento flúido e intuitivo. Na outra, o figurativo purista se encontra como mote central do trabalho. A forma monocromática resulta do contraste entre a luz e a sombra, o positivo e o negativo representados em pintura plana.



Sem Tema e Sem Lema

Rolando Marcolini Jr. (BR-PT)
Sala Uriel da Costa

Rolando Marcolini Jr. nasceu na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro no Brasil, em 1956.
"Sem Tema e Sem Lema" é o nome da exposição que este artista autodidata escolheu para a série de obras que apresenta nas paredes da Sala Uriel da Costa.
O processo do artista surgiu como fruto de tardes terapêuticas em frente ao famoso Microsoft Paint, o antigo programa Paint Brush. A produção é feita de modo espontâneo, com plena liberdade estética e livre de convenções, como na arte naïf.
A mostra é composta basicamente por desenhos digitais que tem como conceito a simplicidade e a pureza das cores.



Desvio Cultural

Sala Prado Coelho



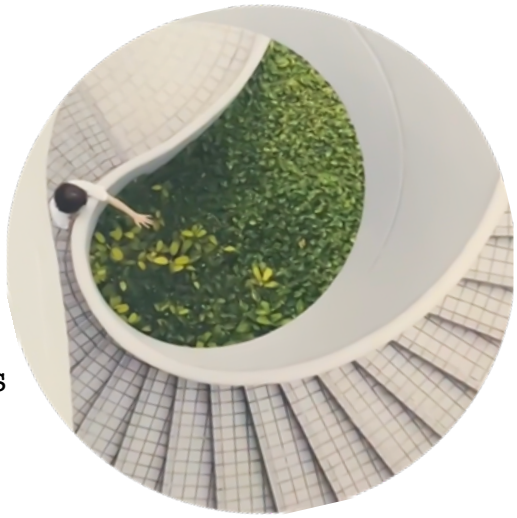
Aqui na Sala Prado Coelho, recebemos a terceira edição do Desvio Cultural, coletivo que tem como mote principal a ideia de reunir e levar arte em diferentes formatos por caminhos alternativos.
A proposta aqui é apresentar um coletivo de obras em lugares que fujam um pouco do “White Cube”, o conceito do cubo branco adotado pela grande parte das galerias comerciais espalhadas pelo mundo. A ideia é também trabalhar com curadores informais que selecionam e promovem o trabalho de artistas emergentes para fomentar a criação conceitual e celebrar o encontro de pessoas de interesses comuns de uma forma mais leve, que permita a discussão que repensa a estrutura do mundo da arte hoje.

Tratados e Comércio

TROCA - Plataforma por um Comércio Internacional Justo

Sala Beauvoir

Nesta mostra a Fábrica decidiu abrir espaço pra um coletivo não de artistas mas de cidadãos apartidários que através dessa exposição visam denunciar os impactos que a cultura do comércio internacional tem provocado no progresso das pautas na agenda do meio ambiente.
TROCA, o nome dessa plataforma formada para discutir um comércio mais justo, usa de charges e um ensaio fotográfico de artistas convidados na tentativa de lançar a discussão sobre situações de abuso de um sistema que está a bloquear não só as lutas ambientais mas também pautas que envolvem saúde, direitos laborais e serviços públicos em todo o mundo. Quando estas ameaçam as expectativas de lucro de multinacionais.
A intenção da exposição, de viés completamente político, é de convidar, agregar e conscientizar o maior número de pessoas possível.



DESARMADA

ano 1. vol8.abril 2020

Direção

Nuno Nabais

Colaboradores

Anita Pinto
Felipe Raizer
Miguel Montenegro
Raquel Areia
Silvia Rebelo
Tomás Vasconcelos

Lisboa, Abril de 2020